



História, Ciências, Saúde - Manguinhos

ISSN: 0104-5970

hscience@coc.fiocruz.br

Fundação Oswaldo Cruz

Brasil

D'Avila de Mello, Amílcar
John Banister: um cirurgião elisabetano no Brasil
História, Ciências, Saúde - Manguinhos, vol. 18, núm. 1, enero-marzo, 2011, pp. 51-65
Fundação Oswaldo Cruz
Rio de Janeiro, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=386138054004>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc



Sistema de Informação Científica
Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto



John Banister: um cirurgião elisabetano no Brasil

*John Banister:
an Elizabethan surgeon
in Brazil*

Amílcar D'Ávila de Mello

Historiador e etnolinguista; coordenador de parcerias internacionais da
ONG PAS – Projeto de Arqueologia Subaquática.

Rua Afonso Borba, 360
88062-040 – Florianópolis – SC – Brasil
amilcar.davila@gmail.com

Recebido para publicação em fevereiro de 2010.

Aprovado para publicação em junho de 2010.

MELLO, Amílcar D'Ávila de. John Banister: um cirurgião elisabetano no Brasil. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.18, n.1, jan.-mar. 2011, p.51-65.

Resumo

Na história quinhentista do Brasil, são muito raras as referências aos profissionais da saúde. Na expedição de Edward Fenton, despachada pela Coroa inglesa em 1582 para fundar um entreposto comercial na Ásia, vinha o famoso cirurgião-barbeiro e físico (médico) John Banister. Desviada da sua rota original para repetir os feitos de Francis Drake, a esquadra fez escala na África, atravessou o Atlântico e ancorou no litoral catarinense. Nessas águas, a expedição degenerou em ações piráticas e retornou fracassada à Europa. John Banister é considerado aquele que libertou a anatomia inglesa da sua escravidão medieval, lançando sobre ela a luz do Renascimento. Foi a primeira vez que alguém dessa envergadura na área da saúde visitava estas latitudes.

Palavras-chave: John Banister (1533-1610); cirurgião-barbeiro; médico; século XVI; Brasil.

Abstract

In Brazil's sixteenth-century history, very few references are made to health professionals. On the expedition of Edward Fenton, dispatched by the English Crown in 1582 to set up a trading post in Asia, was the famous barber-surgeon and physician John Banister. The naval squadron, diverted from its original route to repeat the feats of Sir Francis Drake, stopped over in Africa, crossed the Atlantic and anchored off the Santa Catarina coast in Brazil. In these waters, the expedition degenerated into piracy and returned unsuccessful to Europe. John Banister is considered the person who liberated English anatomy from mediaeval slavery, shedding upon it the light of the Renaissance. It was the first time that anyone of this importance in the area of health had visited these latitudes.

Keywords: John Banister (1533-1610); barber-surgeon; physician; sixteenth century; Brazil.

A segunda circum-navegação do Globo, façanha realizada entre 1577 e 1580 por Francis Drake, rendeu à Inglaterra muito mais do que um imenso tesouro em metais, pedras preciosas e pérolas saqueadas dos espanhóis nas costas sul-americanas do oceano Pacífico. Na sua passagem pela ilha de Ternate, Molucas, na atual Indonésia, o intrépido navegador comprou seis toneladas de cravo do sultão Babu, que controlava o comércio dessa cobiçada especiaria (Thrower, 1984, p.69). Depois de expulsar os portugueses, o sultão estava disposto a permitir que os ingleses estabelecessem um entreposto comercial na sua ilha. Diante dessa nova perspectiva de extraordinários ganhos financeiros e políticos, muitos comerciantes, navegadores e conselheiros da rainha Elisabete se associaram para dar continuidade às ótimas relações iniciadas por Drake na Ásia. Foi decidido, então, enviar uma expedição à China e às Molucas. O comando dessa armada foi confiado ao general Edward Fenton, experiente marujo que realizara duas expedições ao Ártico em busca de uma rota alternativa ao Oriente via América do Norte (Taylor, 1959, p.29-31). Somente hoje, com o alarmante degelo causado pelo aquecimento global, foi anunciada a abertura dessa rota, a então impraticável e mortal Passagem Noroeste.



Figura 1: Sir Robert Dudley, conde de Leicester, barão Denbigh e reitor não residente da Universidade de Oxford. Favorito e possível amante da rainha Elisabete I, era o principal investidor da expedição enviada à Ásia na esteira de Drake. Gravura de Hendrik Goltzius, 1586 (British Museum)

Compunham a esquadra de Fenton os galeões Leicester e Edward Bonaventure, a nau Elizabeth, e a pinaça Francis, de propriedade do então pirata, agora cavaleiro-corsário, Sir Francis Drake. Tripulados por cerca de 240 marujos, os quatro navios zarparam de Southampton em 1º de maio de 1582. Tendo demorado em largar, os ingleses perderam os ventos favoráveis que os conduziriam à Ásia contornando o Cabo da Boa Esperança, no extremo austral africano. Com o atraso, os veteranos da viagem de Drake encontraram justificativa para mudar a rota estipulada pelos armadores da expedição e seguir rumo ao Brasil. Suas intenções ficaram claras: na realidade, queriam atravessar o estreito de Magalhães e, antes de prosseguir até o Oriente, pilhar navios espanhóis no Pacífico (Taylor, 1959, p.46-47).

Depois de fazer escala em Serra Leoa (onde trocaram a Elizabeth por arroz e marfim), a armada chegou ao litoral catarinense em 1º de dezembro de 1582, exatamente sete meses depois de partir da Inglaterra. O ancoradouro escolhido foi batizado de Bay of Good Comfort, na época conhecido como porto Dom Rodrigo (Hakluyt, 1599, p.659), a atual enseada de Garopaba.

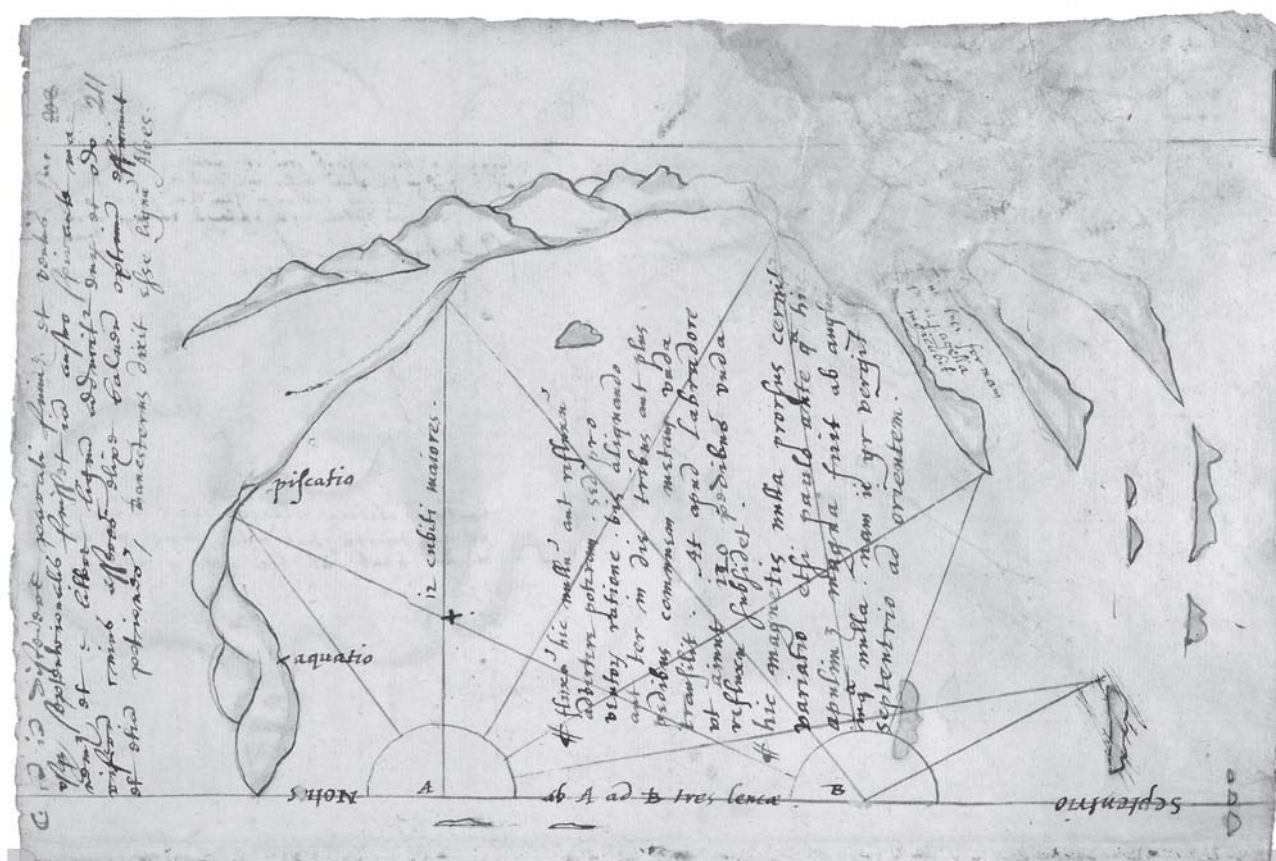


Figura 2: Esboço da carta náutica do ancoradouro escolhido pela esquadra de Edward Fenton, desenhado pelo capelão e escrivão Richard Madox. O porto foi batizado de Bay of Good Comfort "em virtude dos diversos refrescos que encontramos lá ...". O X marca o lugar onde os ingleses lançaram âncora. (British Museum, Cotton, Ms Titus B. VIII, fl.211)



Figura 3: O antigo porto Dom Rodrigo, denominação que espanhóis e portugueses davam à atual enseada de Garopaba. O lugar é, sem dúvida, a Bay of Good Comfort, traduzido como Bahía de la Buena Consolación pelo frei Juan Pascual de Rivadaneira, capturado por Fenton quando passava ao largo. Ao longe, à direita, a ilha de Santa Catarina. 2005. Foto aérea de Paulo Rodriguez

John Banister, o cirurgião aventureiro

A bordo do galeão Leicester, de aproximadamente quatrocentas toneladas e quarenta canhões, com o general Fenton e outras pessoas de alta patente, viajava o cirurgião-barbeiro e físico (médico) John Banister, de 49 anos. Segundo filho de John Banister de Cobham, um dos barões da Fazenda Régia (Buckland-Wright, 1985, p.809), o cirurgião participava dessa aventura graças ao contato pessoal que mantinha com Sir Robert Dudley, conde de Leicester, principal armador da expedição. Banister integrara, como cirurgião, as tropas inglesas enviadas por Elisabete I para ajudar os protestantes huguenotes contra os católicos durante a primeira guerra religiosa francesa, de 1562-1563. Comandados pelo conde de Warwick, os ingleses ocuparam Le Havre, mas não resistiram à pressão dos católicos franceses e retornaram fracassados à Inglaterra (MacCaffrey, 1997, p.1).

Do início do século XIV até 1540, a medicina inglesa mais formal era praticada por grupos diferentes, os quais, conforme o costume da época, se organizavam em guildas. Por um lado, estavam os barbeiros, que, como corporação, existiam desde pelo menos 1308. Além de fazer a barba e cortar cabelo, eles tratavam de condições patológicas externas. Eram considerados os 'operários' da medicina, realizando pequenas cirurgias, incisões em abscessos, extração de dentes, sangrias, aplicação de ventosas etc. Os cirurgiões, por outro lado, recebiam educação universitária, sabiam ler e escrever latim e estudavam obras clássicas como a anatomia do médico grego Cláudio Galeno (130-200). Um aprendiz de cirurgião ficava sete anos vinculado a um mestre cirurgião. Após esse período, estava capacitado a

diagnosticar e tratar males ‘internos’. Em menor número e gozando de melhor *status*, os cirurgiões cuidavam, principalmente, da saúde das classes mais abastadas, ao passo que os barbeiros aliviavam os males do cidadão comum (Capstick, 2000, p.68).

Duas corporações diferentes a exercer o mesmo ofício causava conflitos de jurisdição e hostilidades entre seus membros. Para harmonizar essas relações e tentar acompanhar os desenvolvimentos médicos mais avançados do continente europeu, em 24 de julho de 1540 Henrique VIII promulgou uma lei que unia a Fellowship of Surgeons e a Company of Barbers. Formava-se, assim, a Masters of Governors of the Mystery and Commonality of the Barbers and Surgeons of London, que se tornou mais conhecida como a Companhia dos Cirurgiões-barbeiros. No mesmo ano, com a aprovação da Lei da Anatomia pelo Parlamento, o mesmo monarca outorgou à Companhia licença para requerer anualmente cadáveres de quatro criminosos executados, para a realização de dissecções (Buckland-Wright, 1985, p.802). Os cirurgiões-barbeiros eram a principal instituição médica de Londres, até que, em 1558, Henrique VIII criou o Royal College of Physicians.

Como se não bastassem as ‘diferenças’ que havia entre barbeiros e cirurgiões, um terceiro grupo, o dos físicos (médicos), também rivalizava com os cirurgiões. Como vimos, os mestres cirurgiões recebiam formação acadêmica (embora nem sempre em medicina), mas limitavam suas práticas somente à cirurgia. Eles tinham direito de usar beca, como os físicos. Estes, no entanto, eram a elite da elite e sentiam-se superiores aos cirurgiões porque tinham formação universitária específica em medicina. Muitos eram clérigos, possuíam o grau de doutor em medicina, viviam em cidades e povoados maiores, atendiam a corte, a alta nobreza e o clero. Uma diferença básica entre cirurgiões e físicos é que estes últimos tratavam das doenças baseados em ensinamentos históricos, em vez da observação empírica. Utilizavam, por exemplo, a técnica da uroscopia, uma análise detalhada da urina. Examinavam, também, o pulso e verificavam o equilíbrio dos quatro humores galênicos. O físico podia prescrever medicamentos e encaminhar o paciente ao apotecário – o farmacêutico daqueles dias –, que dava continuidade ao tratamento (Capstick, 2000, p.69-71).

John Banister ingressou na Companhia dos Cirurgiões-barbeiros em 1572. No ano seguinte, obteve o *Medicinae Baccalaureus* (MB) na Universidade de Oxford, que lhe outorgou licença para atuar como físico. Ser cirurgião-barbeiro e físico era uma condição excepcional para a época, o que atesta a competência e o prestígio de Banister (Buckland-Wright, 1985, p.809). Em 1578, pouco antes de ser nomeado para reger a cátedra de Anatomia, lançou o livro intitulado *The historie of Man sucked from the sappe of the most approued anathomistes...* (História do homem, sorvida da seiva dos mais renomados anatomistas...). Considerada um marco, a obra continha os conceitos da ‘nova anatomia’ do célebre cirurgião flamengo Andreas Vesálio (1514-1564) e de seu discípulo e sucessor, o italiano de Cremona Matteo Realdo Colombo (1516-1559), da Universidade de Pádua, na época a mais importante faculdade de medicina européia (Buckland-Wright, 1985, p.810). Convém esclarecer que, baseado na dissecção de cadáveres, Vesálio demonstrara todos os erros de anatomia cometidos por Galeno, que somente dissecara animais, uma vez que, no Império Romano, essa prática era proibida em corpos humanos (O’Malley, 1964, p.6). O *De humani corporis fabrica* (A estrutura do corpo humano) de Vesálio, publicada em Basiléia no ano de 1543, foi o primeiro texto anatômico ilustrado baseado na observação direta do corpo humano,

e não no livro de Galeno. Ao contrário da primeira produção inglesa nessa área, *A profitable treatise of the anatomie of Man's bodie* (Um tratado útil sobre a anatomia do corpo humano), obra essencialmente medieval e não ilustrada de Thomas Vicary (1490-1561) (Sugg, 2000, p.6), o livro de Banister tornou-se uma importante referência que acelerou a ruptura com a já ultrapassada anatomia galênica.



Figura 4: O médico grego Cláudio Galeno (131-200) foi o mais destacado de seu tempo. Investigador nato, compilou os conhecimentos médicos dos antigos, aos quais acrescentou seus próprios achados. Suas teorias e extensa obra perduraram incontestadas até a Idade Média. Gravura de autor desconhecido



Figura 5: O flamengo Andreas Vesalius, também conhecido como Vesal ou Vesálio (1514-1564) era médico do imperador Carlos V e de seu filho Felipe II. Sua obra mais famosa, um tratado crítico sobre a obra anatômica de Galeno, é *De Humani Corporis Fabrica*. Composta por sete volumes, é ilustrada por Jan Stephen van Calcar, discípulo de Ticiano e autor deste retrato

Figura 6: Pioneiro no estudo da circulação sanguínea cardiopulmonar, Matteo Realdo Colombo foi assistente e sucessor de Vesálio na cadeira de Anatomia e Cirurgia, na Universidade de Pádua. Professor e amigo de Michelangelo, lecionou também na Universidade de Pisa e, depois, na Pontifícia de Roma. Escreveu a *De Re Anatomica* (Columbi, 1559), de onde procede esta imagem (na página seguinte)



Além de seu livro mais célebre – no qual deu importantes passos rumo à compreensão da circulação sanguínea cardiopulmonar –, John Banister escreveu muitas outras obras, cujos títulos apresentamos no final deste artigo. Fundamental para o ensino da nova anatomia e o progresso da medicina foram os recursos visuais desenvolvidos por ele, tais como modelos de órgãos, montagem de um esqueleto humano e realização de vivisecções, ou seja, operações feitas em animais vivos para o estudo das atividades fisiológicas. Igualmente significativas e supostamente encomendadas por Banister por volta de 1580 são as chamadas Anatomical Tables (Estampas de anatomia), uma série de ilustrações coloridas cuja autoria hoje se desconhece. Especula-se que o artista anônimo seja Nicholas Hilliard, ou um discípulo seu (Buckland-Wright, 1985, p.810). Doadas pelo doutor William Hunter (1718-1783), professor de medicina e médico da rainha Charlotte, as estampas se conservam no acervo de obras raras da biblioteca da Universidade de Glasgow, na Escócia (Maley, 2002).

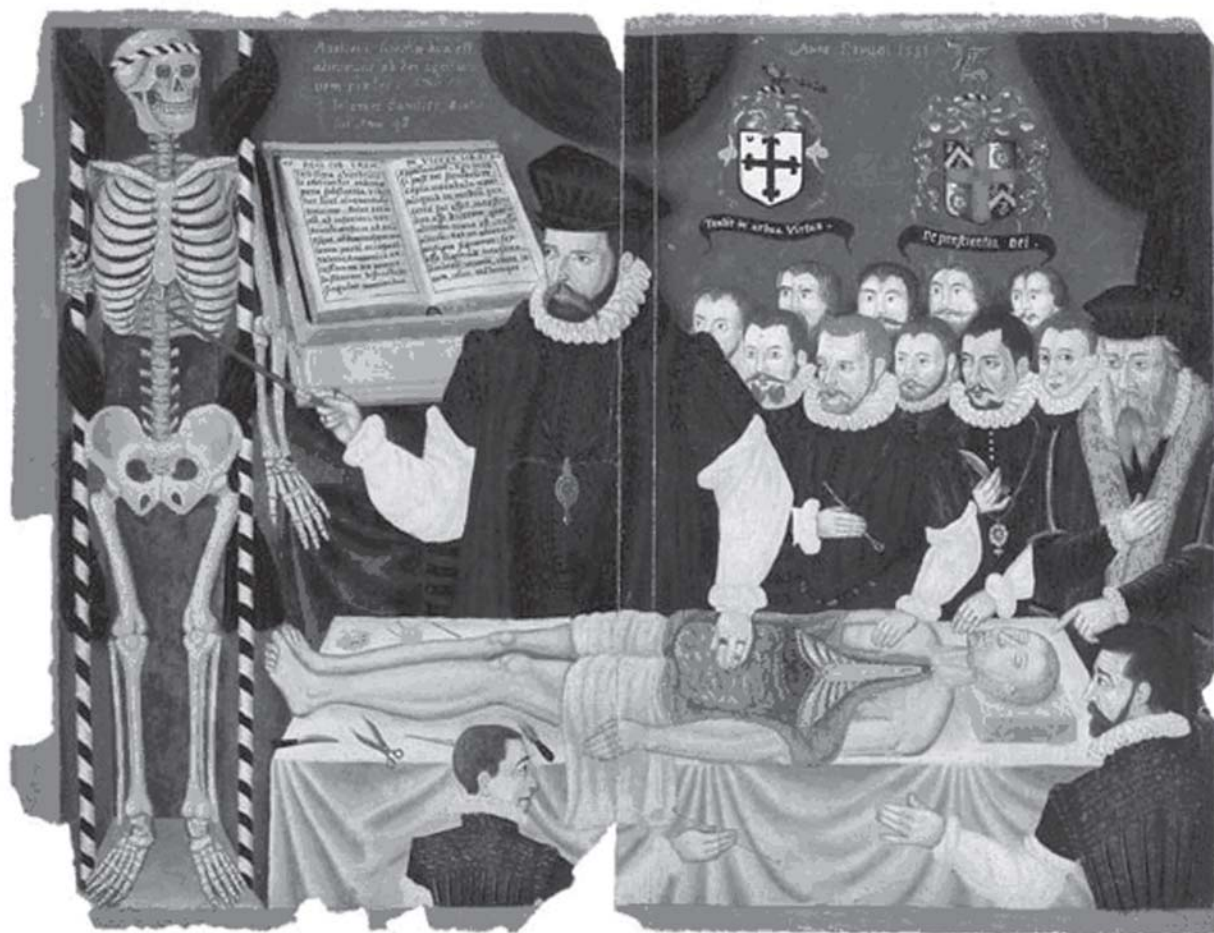


Figura 7: John Banister (1533-1610) ministrando uma aula de anatomia no Barber-Surgeons' Hall. Ao seu lado há dois mestres anatomistas, um segurando uma sonda e o outro, um bisturi. O livro no qual Banister baseia a sua lição é *De Re Anatomica...*, de Matteo Realdo Colombo. Anatomical Tables, ca. 1580, artista anônimo (Glasgow University Library, Special Collections, Ms Hunter 364, v.1.1)

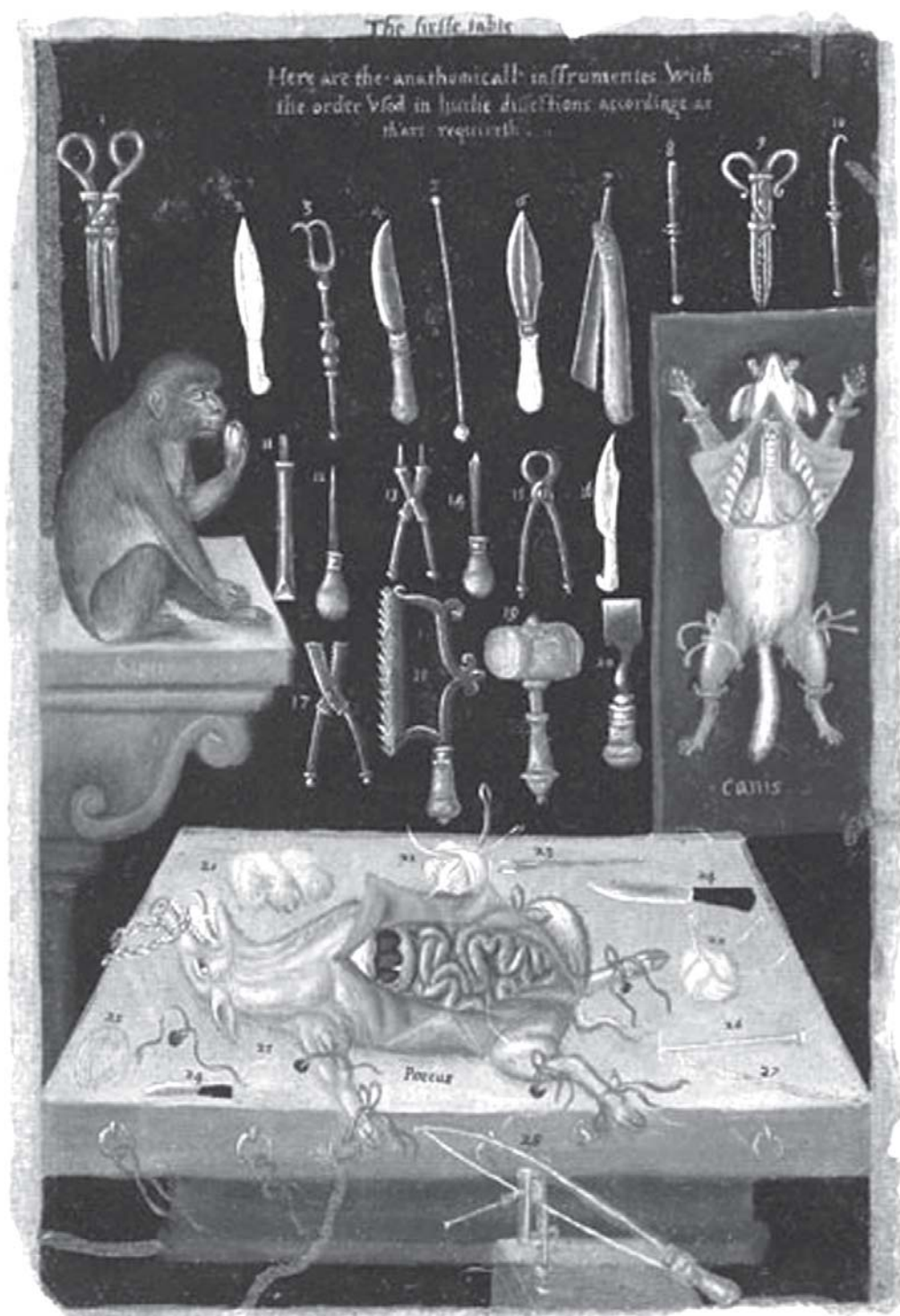


Figura 8: Instrumentos cirúrgicos e a ordem em que eles eram usados para realizar a dissecação de um macaco, um cão e um porco (sobre a mesa). Anatomical Tables, ca. 1580, artista anônimo (Glasgow University Library, Special Collections, Ms Hunter 364, v.1.1)

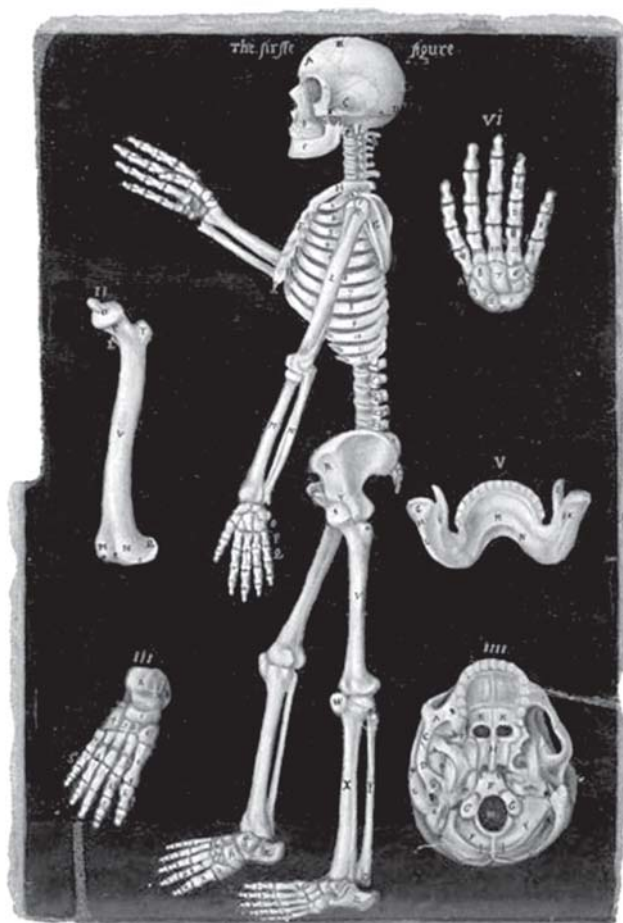


Figura 9: Vista lateral do esqueleto humano, com as articulações de mão e pé, o fêmur, o crânio e a mandíbula. Anatomical Tables, ca. 1580, artista anônimo (Glasgow University Library, Special Collections, Ms Hunter 364, v.1.1)



Figura 10: Veias frontais do corpo humano. Anatomical Tables, ca. 1580, artista anônimo (Glasgow University Library, Special Collections, Ms Hunter 364, v.1.1)

Insalubridade a bordo

O risco de morte em uma epidemia a bordo das naus era muitas vezes superior ao que os marujos corriam em combate ou tempestade. Como as pipas, barricas, botijas e outros recipientes não eram hermeticamente selados, os alimentos, a água e o vinho se deterioravam rapidamente. Às péssimas condições dos mantimentos somava-se a falta de higiene dos marinheiros e passageiros, obrigados a conviver em um espaço reduzido durante muito tempo. Com ratos, insetos, micróbios e vírus de todos os tipos, os navios tornavam-se 'viveiros' de doenças que dizimavam as armadas e as populações nativas com as quais elas entravam em contato. Uma cena curiosa ilustra essa insalubridade. Quando a esquadra de Magalhães aportou na ilha de Tidore, Molucas, o rei Almanzor ou Zuratan Manzor (sultão Manssur?) foi a bordo de uma das naus e, de nojo do ambiente fétido, tapou o nariz. A justificativa estapafúrdia invocando razões religiosas que os europeus encontraram para o gesto do visitante foi o cheiro do toucinho, porque ele era mouro (muçulmano), a quem

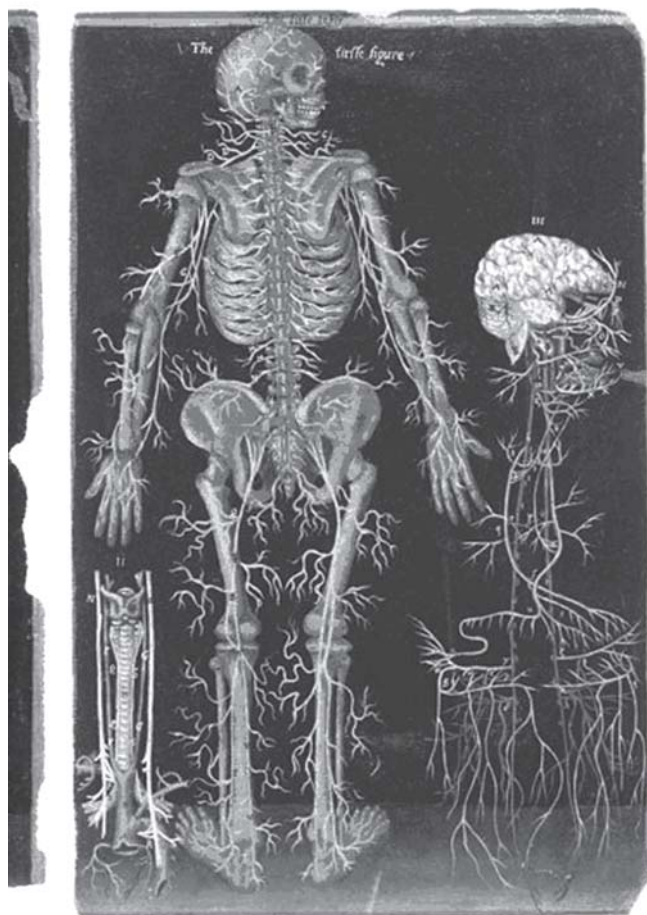


Figura 11: Sistema nervoso. Anatomical Tables, ca. 1580, artista anônimo (Glasgow University Library, Special Collections, Ms Hunter 364, v.1.1)

a carne de porco era proibida (Fernández de Navarrete, 1837, t.4, p.74).

Intoxicações e processos gastrointestinais infecciosos causados pelos alimentos estragados e pela péssima qualidade da água criavam condições propícias para a terrível ‘câmara de sangue’ ou ‘fluxo sanguinolento’ (disenteria). Outras patologias fatais eram a varíola, o tabardilho ou tifo exantemático, transmitido pelo piolho das roupas (Mena-García, 1998, p.385), a gripe e a tuberculose. Além dessas doenças, a falta de legumes e frutas frescas (principalmente as cítricas) durante as longas navegações causava grandes surtos de escorbuto. Mais mortíferas que as armas convencionais dos europeus, a virulência e a pestilência que estes carregavam, muitas vezes sem saber, provocavam grandes epidemias no Novo Mundo, vitimando pessoas sem defesas imunológicas para resistir a elas. Existiam também as moléstias contraídas em terra e agravadas pelas circunstâncias da navegação, como a malária, a sífilis e parasitas como o bicho-de-pé (*Tunga penetrans*). Não tratadas, as infecções causadas por esses bichos frequentemente resultavam em terríveis abscessos, necrose e amputação de artelhos.

O cirurgião-barbeiro em ação

Por essas e outras razões, os serviços de John Banister se fizeram necessários diversas vezes na expedição de Edward Fenton. Diante da costa africana, aproximadamente trinta marujos do Edward Bonaventure adoeceram de escorbuto, foram tratados, mas faleceram. Durante a permanência da armada no litoral de Santa Catarina – onde foi capturada uma pequena fragata de frades franciscanos e fidalgos que viajavam pelo rio da Prata –, o capelão John Walker esteve à beira da morte. Esquelético e prostrado, foi possivelmente acometido por uma terrível disenteria. O general Fenton passou mal depois de visitá-lo no Edward Bonaventure, mas logo se recuperou. Ao partir da enseada de Garopaba, sessenta homens sentiram forte dor de cabeça, seguida de vômito e diarreia, mal-estar que o capelão e escrivão Richard Madox, outro erudito de Oxford, atribuiu ao excesso de bebida e à comilança de peixes da véspera. Neste caso específico – que parece se tratar de gastroenterite virótica –, Banister realizou sangrias (Donno, 1976, p.259).

Contudo, a ocasião em que o famoso cirurgião mais precisou utilizar seus conhecimentos nessa viagem foi no litoral paulista. Na noite de 24 de janeiro de 1583, estando o Leicester e o Edward Bonaventure ancorados na baía de Santos, três navios espanhóis da armada do general Diego Flores de Valdés, procedentes da ilha de Santa Catarina, se aproximaram sorrateiramente para atacá-los. Os ingleses travaram com eles uma feroz batalha que durou uma noite e parte da manhã seguinte. O saldo do violento combate, no qual mediram suas forças essas cinco belonaves que somavam 140 peças de artilharia e cerca de novecentos homens, foi, do lado inglês, seis mortos e trinta feridos. Um índio que foi a bordo do Leicester contou ao general Fenton que os espanhóis levaram a pior: uma nau afundada, mais de cem mortos e muitos feridos, carregados para terra em três botes (Taylor, 1959, p.177-178). Pouco tempo depois, ainda em águas brasileiras, Banister esteve ao lado do leito de morte dos capelães John Walker e Richard Madox. Seus esforços não conseguiram salvá-los.

Conflitos de liderança e discrepâncias de interesses impediram que a missão designada a Edward Fenton fosse cumprida. A expedição degenerou em ações piráticas e, sem sequer chegar ao rio da Prata, retornou fracassada à Inglaterra. A Francis, embarcação de propriedade do famoso Sir Francis Drake, desertara em Santa Catarina. Os galeões Edward Bonaventure e Leicester se separaram logo após a batalha naval de Santos. Pelo relato de Peter Jeffery, que viajava no Edward, a primeira coisa que fizeram em solo inglês foi enterrar o capitão Skevington e um pajem, mortos de escorbuto no dia anterior. As péssimas condições de saúde dos tripulantes foram assim resumidas: “das cerca de 60 pessoas [que desembarcaram], não havia nem 6 saudáveis; no entanto, estávamos felizes” (Taylor, 1959, p.266).

Em 15 de junho, depois de 103 dias sem avistar terra, o Leicester ancorou em Kinsale, Irlanda. Oito dias depois zarparam para a perna final da viagem. Alegando que, bêbados, seu lugar-tenente William Hawkins e o comerciante Matthew Tailboys estavam tentando se amotinar contra ele, Fenton mandou pôr grilhões em Hawkins. No acalorado bate-boca o general ameaçou quebrar-lhe os dentes. Estava tão furioso que, se não fosse freado por Banister e por outros que presenciavam a cena, o teria apunhalado (Taylor, 1959, p.286). Finalmente, a 29 de junho de 1583, o Leicester culminou a sua viagem lançando ferro nos Downs. O destino da Francis foi o mais trágico: naufragou na costa uruguaia. Alguns de seus tripulantes foram capturados pelos índios charruas, outros, mortos. Depois de mais de um ano de cativeiro, seu capitão John Drake – primo de Sir Francis Drake –, conseguiu fugir para Buenos Aires com Richard Fairweather e outro rapaz (Hakluyt, 1599, p.727). Ao chegar, foram bem acolhidos pelos espanhóis, mas as suas identidades logo foram descobertas e acabaram presos (Toribio Medina, 1956, v.1, p.234).

Em 1585, poucos anos depois de retornar à pátria, John Banister voltou a servir em mais uma armada organizada pelo conde de Leicester, dessa vez aos Países Baixos, para ajudar os revoltosos daquela região na suas lutas para se independizar da Espanha. Em cumprimento a uma determinação da rainha Elisabete, em fevereiro de 1593 o Royal College of Physicians de Londres – o supra-sumo do corporativismo médico – também lhe outorgou licença para exercer a profissão de físico. Banister tornava-se, assim, um consagrado cirurgião-barbeiro e médico que ocupou a cátedra de Anatomia na Companhia dos Cirurgiões-barbeiros até 1596 (Buckland-Wright, 1985, p.809). Dessa época até a sua morte,

em 1610, residiu na Silver Street, freguesia de St. Olave, em Aldersgate, Londres. Tinha um irmão, Gabriel, cujo filho vivia em Bedford. Embora desconheçamos os detalhes, sabemos que Banister foi convocado diversas vezes pelas autoridades para prestar depoimentos sobre a sua prática de cirurgião-barbeiro. Foi, contudo, absolvido de todas as confusões profissionais em que se envolveu (Pelling, White, 2004).

A contribuição de John Banister para o progresso da medicina é inegável. Ele é considerado aquele que libertou a anatomia inglesa da sua escravidão medieval, lançando sobre ela a luz do Renascimento (Buckland-Wright, 1985, p.811). Até então, no Brasil nunca tinha estado alguém dessa envergadura na área da saúde. As cirurgias que Banister deve ter realizado nos feridos do combate da baía de Santos e as suas outras intervenções merecem entrar para os anais da medicina brasileira.

Algumas obras de John Banister

- *A needefull, new, and necessarie treatise of chyrurgerie*: briefly comprehending the generall and particuler curation of vlcers, drawn foorth of sundrie worthy wryters, but especially of Antonius Calmeteus Vergesatus, and Ioannes Tagaltius, by Iohn **Banister** ... Hereunto is annexed certaine experiments of mine ovne inuention, truely tried, and daily of me practised. Imprinted at London by Thomas Marshe, Anno 1575.
- *The historie of man*: sucked from the sappe of the most approued anathomistes, in this present age, compiled in most compendious fourme, and now published in English, for the vtilitie of all godly chirurgians, within this realme, by Iohn **Banister**, Master in Chirurgerie, and practitioner in phisicke. At London. Printed by Iohn Day, dwellyng ouer Aldersgate [and are to be sold [by R. Day], at the long shop, at the west doore of Paules], Anno 1578. Cum gratia & priuilegio Regiæ Majestatis.
- *A compendious chyrurgerie*: gathered, & translated (especially) out of Wecker, at the request of certaine, but encreased and enlightened with certaine annotations, resolutions & supplyes, not impertinent to this treatise, nor vnprofitable to the reader: published for the benefite of all his countreyemen, by Ihon Banester maister in chyrurgerie. London, 1585. *Medicinae utriusque syntaxes*. English. Selections. Wecker, Johann Jacob, 1528-1586.
- *An antidotarie chyrurgicall*: containing great varietie and choice of all sorts of medicines that commonly fal into the chyrurgions vse: partlie taken out of authors, olde and new, printed or written: partlie obtained by free gifte of sundrie worthie men of this profession within this land. By Iohn Banester master of chirurgerie. London, 1589.
- *A treatise of chirurgerie*: briefly comprehending the generall and particular curation of ulcers. Collected out of severall famous authors, especially Antonius Calmeteus Vergesatus, and Johannes Tagaltius... Herunto is annexed certaine experiments... truly tried... . London, 1633.
- *The workes...*: digested into five bookes. His cure, 1. Of tumours. 2. Of wounds. 3. Of ulcers... 4. Of fractures and luxations. 5. His antidotary... . To which is added a treatise for distilling of oyles... with a perfect order to prepare all minerals, and to draw forth their oyles and salts, etc. London, 1633.

- *A storehouse of physicall and philosophical secrets*. Teaching to distill all manner of oyles from gummes, spices, seedes, rootes, hearbs, and mineralls... . London, 1633.
- *The workes of that famous chyrurgian, Mr. Iohn Banester*: by him digested into five bookes, his cure 1. Of tumors 2. Of wounds 3. Of ulcers in generall and particular 4. Of fractures and luxations 5. His Antidotary, being a storehouse of all sorts of medicines belonging to the chyrurgians use: to which is added a treatise for distilling of ayles of all sorts, with a perfect order to prepare all minerals, and to draw forth their oyles and salts, & c. London, 1633.

REFERÊNCIAS

- BUCKLAND-WRIGHT, John Christopher. Readers of anatomy at the barber-surgeons' company in the Tudor period. *Journal of the Royal Society of Medicine*, London, v.78, p.802-811. Disponível em: <http://www.pubmedcentral.nih.govpicrender.fcgi?artid=1289944&blobtype=pdf>. Acesso em: 21 dez. 2007. 1985.
- CAPSTICK, Jim. The barber-surgeons of London (1540-1745). In: Annual History of Medicine Days, 9, Mar. 17-18, 2000, Calgary. *Proceedings....* Calgary: University of Calgary/Faculty of Medicine. p.64-80. 2000. Disponível em: <http://www.hom.ucalgary.ca/Dayspapers2000.pdf>. Acesso em: 18 set. 2007. 2000.
- COLUMBI, Realdi. *De Re Anatomica. libri XV*. Venetiis: Ex typographia Nicolai Bevilacqua. Disponível em: <http://shinku.nichibun.ac.jp/NOMA/new/books/34/suema00000000f6d.html>. Acesso em: 29 maio 2010. 1559.
- DONNO, Elizabeth Story. *An elizabethan in 1581: the diary of Richard Madox, fellow of all souls*. London: Hakluyt Society. 1976.
- FERNÁNDEZ DE NAVARRETE, Martín. *Viages y descubrimientos que hicieron por mar los españoles*. Madrid: Imprenta Nacional. 1837.
- HAKLUYT, Richard. The voyage intended towards China. Wherein M. Edward Fenton was appointed generall. Written by M. Luke Ward his Viceadmiral, and Captaine of the Edward Bonaventure, begun Anno Dom. 1582. In: *The principal navigations, voyages, traffiques and discoueries of the English Nation, made by sea or ouer-land...* v.3. London: [s.n.]. 1599.
- MACCAFFREY, Wallace T. The Newhaven expedition, 1562-1563. *The Historical Journal*, v. 40, n.1, p.1-21. Disponível em: <http://links.jstor.org/sici?sici=0018-246X%28199703%2940%3A1%3C1%3ATNE1%3E2.0.CO%3B2-6&size=LARGE&origin=JSTOR-enlargePage>. Acesso em: 21 dez. 2007. 1997.
- MALEY, Sonny. The body revealed: renaissance and baroque anatomical illustration. Disponível em: <http://special.lib.gla.ac.uk/anatomy/introduction.html>. Acesso em: 26 maio 2010. 2002.
- MENA-GARCÍA, Maria del Carmen. *Sevilla y las flotas de Indias: la gran armada de Castilla del Oro (1513-1514)*. Sevilla: Universidad de Sevilla; Fundación El Monte. 1998.
- O'MALLEY, Charles Donald . *Andrea Vesalius of Brussels, 1514-1564*. Berkeley: University of California Press. Disponível em: <http://books.google.com.br/books?id=HCA6wGaU8PUC&pg=PA118&dq=vesalius+galen+vivisection&cd=9#v=onepage&q=Roman%20Empire&f=false>. Acesso em: 29 maio 2010. 1964.
- PELLING, Margaret; WHITE, Frances. *Physicians and irregular medical practitioners in London 1550-1640*. Base de dados. Disponível em: <http://www.british-history.ac.uk/report.asp?compid=17202>. Acesso em: 23 jul. 2006. 2004.
- SUGG, Richard. Donne, Vesalius, and the anatomy of body and soul. *Signatures*, v.1, chapter 3, p.1-34. Disponível em: http://www.chiuni.ac.uk/info/documents/signature_pdfs/Signatures_Vol1.pdf. Acesso em: 29 maio 2010. 2000.
- TAYLOR, Germaine Riminton Eva. *The troublesome voyage of captain Edward Fenton: 1582-1583*. Cambridge: Cambridge University Press. 1959.
- THROWER, Norman Joseph William. *Sir Francis Drake and the famous voyage, 1577-1580*. Berkeley: University of California Press. 1984.

TORIBIO MEDINA, José.
Historia del tribunal de la inquisición de Lima (1569-1820). v.1, 2.Santiago de Chile: Fondo Histórico y Bibliográfico J. T. Medina. 1956.

VESALIUS, Andreas.
De Humani Corporis Fabrica libri septem. Basilae: Ex Officina Joannis Oporini. Disponível em: <http://shinku.nichibun.ac.jp/NOMA/new/books/02/suema000000001fp.html>. Acesso em: 29 maio 2010. 1543.

